



Diego Gutierrez
Thiago Kater
Victor Antonio

Recebido: 30 Abr 2025

Revisado: 13 Ago 2025

Aceito: 14 Ago 2025

Publicado: 15 Dez 2025

Nacionalização e institucionalização do rugby no Brasil: 1945 -1986

Resumo

O artigo discute o desenvolvimento histórico do rugby no Brasil, no período entre 1945 e 1986, com foco no processo de nacionalização e institucionalização da modalidade, a partir de uma análise exploratória de fontes documentais primárias e secundárias. O artigo discute a retomada da modalidade a partir de 1945 por membros da comunidade britânica nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e sua expansão nos anos 60 para outros grupos de expatriados, principalmente argentinos franceses e japoneses. O processo de expansão e nacionalização dos atletas com a criação da União de Rugby do Brasil (URB) em 1963 e da Associação Brasileira de Rugby (ABR) em 1972, que tiveram sucesso em introduzir o rugby em escolas e universidades e a crise que atravessará a modalidade a partir de 1986 com a piora das condições econômicas do país e a mudança no perfil dos atletas que deixa de ser composta na maioria por estrangeiros para dar lugar a geração formada no Brasil pela própria iniciativa das instituições.

Palavras-chave: Rugby; Brasil; Análise documental; História do esporte

Nationalization and institutionalization of rugby in Brazil: 1945 -1986

Abstract

This article discusses the historical development of rugby in Brazil between 1945 and 1986, focusing on the process of nationalization and institutionalization of the sport, based on an exploratory analysis of primary and secondary documentary sources. The article discusses the revival of the sport from 1945 onwards by members of the British community in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro, and its expansion in the 1960s to other groups of expatriates, mainly Argentines, French and Japanese. The process of expansion and nationalization of athletes with the creation of the Brazilian Rugby Union (URB) in 1963 and the Brazilian Rugby Association (ABR) in 1972, which were successful in introducing rugby into schools and universities, and the crisis that the sport would go through from 1986 onwards, with the worsening of the country's economic conditions and the change in the profile of athletes, which ceased to be composed mostly of foreigners to give way to the generation trained in Brazil by the institutions' own initiative.

Keywords: Rugby; Brazil; Document analysis; Sport History.

Introdução

O rugby é uma modalidade emergente no Brasil, tendo experimentado um crescimento significativo a partir da década de 2010. A introdução do esporte nos jogos Olímpicos, disputado a partir da edição de 2016 no Rio de Janeiro, abriu uma série opções de financiamento e incentivos

estatais apenas disponíveis para modalidades olímpicas. Hoje o rugby conta, de acordo com dados da Confederação Brasileira de Rugby (Cbru), com mais de 11 mil atletas federados e cerca de 300 clubes.¹

O bom desempenho das seleções nacionais também contribuiu para a divulgação e maior conhecimento do público. A seleção feminina é presença regular na Circuito Mundial de Sevens (principal competição da modalidade), tendo disputados todas as edições dos jogos Olímpicos estando classificadas, pela primeira vez, para a Copa do Mundo Rugby XV. A seleção masculina, apesar do menor sucesso, também possui algumas conquistas, tendo vencido o Sul-americano de 2018. O país também possui uma franquía no Super Rugby Américas, competição profissional que conta com equipes de Uruguai, Chile, Paraguai e Argentina.

O crescimento da modalidade pode passar a ideia de uma prática exótica e recentemente introduzida no Brasil, sendo essa noção o resultado da pouca expressividade da modalidade no país e da ausência de uma investigação aprofundada sobre a sua história (Gutierrez et al., 2017). No entanto, o rugby foi introduzido no país no final do século XIX (Mills, 1994) e praticado de maneira mais ou menos ininterrupta desde então.

A história do esporte foi uma área por muito tempo negligenciada dentro dos estudos acadêmicos, sobretudo nas ciências humanas, que considerava esse um fenômeno social de importância menor (Osborne & Skillen, 2015). A institucionalização relativamente recente das diversas práticas esportivas e a ausência de fontes primárias, sendo os jornais uma das fontes mais importantes para se construir a história do esporte, contribuíram para esse cenário (Gutierrez et al., 2022). Essa situação é especialmente relevante para as modalidades menos populares e para o esporte feminino no geral (Osborne & Skillen, 2015). Apesar disso, nos últimos anos, a produção da área tem se expandido e muitas das lacunas têm sido fechadas.

No caso do rugby, nos últimos anos, diversos trabalhos se dedicaram a discutir a história da modalidade no Brasil, assim como outros elementos (Sant'Anna & Mazo, 2015; Pinheiro et al., 2013; Araújo, 2022). Esses estudos, porém, abordam elementos específicos geralmente se dedicando a um clube ou região específica. Nesse sentido, poucos estudos abordam o desenvolvimento da modalidade em um sentido holístico, com destaque para Gutierrez et al (2017) que abordou o desenvolvimento da modalidade entre o século XIX e a segunda guerra.

Este artigo então pretende completar esse quadro ao discutir o desenvolvimento da modalidade entre 1945 e 1986. A partir da análise das fontes, pretende-se elaborar um quadro com

¹ <https://brasilrugby.com.br/a-cbru-sobre-nos/#:~:text=Sob%20a%20governan%C3%A7a%20da%20CBRu,por%20todos%20os%20estados%20brasileiros.>

os processos históricos que influenciaram na nacionalização da prática do rugby, entendida aqui como o aumento no número de brasileiros praticando o esporte e não sua expansão pelo território nacional, bem como no processo de institucionalização da modalidade, ocorrido com a fundação da União de Rugby do Brasil (URB) em 1963 e da Associação Brasileira de Rugby (ABR) em 1972.

Fontes e métodos

Devido à bibliografia limitada discutindo esse período do desenvolvimento do rugby brasileiro, este artigo está desenhado como um estudo exploratório baseado em análise documental de fontes primárias e secundárias (Gutierrez et al., 2021). O artigo tem como base o acervo de Leon William “Bill” Rheims. Nascido na Inglaterra, em 1946, chegou ao Brasil com três meses de vida, alternando a infância e adolescência entre os dois países. Em 1966 se fixaria definitivamente no Brasil ao ser aceito na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde fundou o primeiro time de rugby universitário do país. Continuará envolvido com o rugby após o fim dos seus estudos, sendo presidente da Associação Brasileira de Rugby (ABR) entre 1984 e 1986.

Além da atuação como atleta e dirigente, foi também arquivista e historiador amador coletando uma grande quantidade de material relativo à história do rugby no país, incluindo atas, estatutos, súmulas, fotos, flâmulas, cartas pessoais entre outros. Realizou também o esforço de tabelar o resultado de todas as partidas ocorridas no país entre 1920 e 1986. No seu arquivo também estão as edições originais do jornal da Associação Brasileira de Rugby, periódico semestral publicado entre agosto de 1982 e dezembro de 1985, que além de uma fonte interessante para se discutir o dia a dia da modalidade no período, traz também diversas reportagens históricas descrevendo os principais acontecimentos do rugby no Brasil e o perfil das figuras mais importantes da modalidade, como Harry Donovan e Jimmy MacIntyre.

Apesar da grande presença de documentos institucionais vinculados aos órgãos de regramento da prática do rugby no Brasil, é possível enquadrar tal corpus como um arquivo pessoal: conjuntos documentais acumulados por indivíduos ao longo da vida. Esses arquivos, verdadeiros palimpsestos, revelam práticas individuais, redes de sociabilidade e relações que extravasam o institucional e o privado. Há, nesses materiais, um campo fértil tanto para investigar o cotidiano e observar trajetórias individuais, quanto para compreender práticas institucionais e culturais (Gomes, 1998). Portanto, os arquivos pessoais tornam-se não só documentos, mas também artefatos que tensionam a factualidade e a experiência individual.

É preciso considerar, entretanto, como reitera Ângela Gomes (1998), que tais arquivos

podem transmitir uma “ilusão de verdade” sobre seus produtores, por isso é necessário estar atento aos seus contextos de produção e omissões propositais ou não. Ainda assim, essa mistura de documentos forma um acervo rico e adequado para os objetivos aqui traçados.

Após sua morte, em 2007, Jean Rheims, sua esposa, doou todo esse material para o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da Universidade de São Paulo (Ludens-USP), que foi então digitalizado e está disponível para a consulta de futuros pesquisadores. Apesar do caráter pessoal do arquivo e das implicações que isso acarreta, a vasta coleção de “Bill” Rheims auxiliou na produção de dois mestrados (Gutierrez, 2016; Antonio, 2017) e a publicação de um artigo (Gutierrez et al., 2017).

Apesar do rugby não ser uma modalidade popular, seus principais acontecimentos foram abordados em ambos os jornais, que, principalmente nos anos 70 e 80 publicaram artigos sobre o assunto com certa regularidade. Nesse sentido foram coletadas 255 do Estado de S. Paulo e 132 da Folha de S. Paulo, publicadas no período entre 1945 e 1986.

Além das fontes escritas, a pesquisa também se apoiou em informações obtidas através de entrevistas com algumas figuras relevantes da história do rugby no país, as quais muitas vezes cederam mais documentos históricos aos pesquisadores, e que também estão disponíveis para consulta no Ludens-USP. Muitas dessas pessoas eram atletas ou integraram os órgãos associativos de organização do rugby no país, muito dos quais eram interlocutores de Rheims e são mencionados em seu arquivo pessoal.

Adicionalmente, foi realizada uma análise dos acervos dos jornais Folha de S. Paulo (<https://acervo.folha.com.br/>) e o Estado de S. Paulo (<https://www.estadao.com.br/acervo/>). Esses jornais são relevantes pois são dois dos veículos de maior circulação do país, ambos baseados na cidade de São Paulo, maior cidade e principal centro do rugby no país, no período analisado entre 1945 e 1986.

O emprego da história cultural como base metodológica fornece uma oportunidade interessante para explorar como significados, identidades e experiências são construídos em torno do esporte e da memória (Melo et al, 2013). No caso do rugby no Brasil, esse arcabouço metodológico permitiria inferir sobre práticas de representações de grupos imigrantes, como é o caso de britânicos; e como, em certa medida, começou a ser praticado por pessoas fora dessa comunidade. Os ruídos e diferenças que envolvem esse processo estão nas narrativas e nos documentos, como veremos a seguir. Além disso, ao traçar elementos de uma História Institucional desse esporte no país, também presente no *corpus* documental, é possível observar a criação, desenvolvimento e funcionamento de instituições esportivas no país, e sua maneira de se

“nacionalizar”. Por fim, isso abre espaço para comparações com outras instituições esportivas, tanto nacionais e representantes de outros esportes, como também internacionais (Melo, 2008). Há, assim, uma história comparada ainda a ser feita, a qual esse artigo pode contribuir futuramente, envolvendo os casos argentino, uruguaio, chileno e paraguaio.

Resultados e discussões

A Segunda Guerra Mundial foi um dos eventos definidores do século XX, causando centenas de milhões de vítimas e alterando o cenário geopolítico global. Os desdobramentos socioeconômicos da guerra afetaram o rugby ao causar a completa interrupção da prática da modalidade no país.

Apesar da pequena popularidade atingida nos anos 20 e 30, o rugby continuava dependente da comunidade britânica do país (Gutierrez et al., 2017). Na então capital federal, Rio de Janeiro, boa parte dessa comunidade fazia-se representar pelo corpo diplomático britânico e em outros representantes internacionais no país. Em São Paulo, os britânicos, em sua maior parte, estavam vinculados à gestão da rede ferroviária e outros projetos de engenharia (Brown & Lanci, 2016).

A segunda guerra mobilizou a comunidade britânica no país. Uma parte significativa dos expatriados, a maior parte deles homens, se alistaram no exército sendo enviados para todas as partes do império britânico. Entre os que permaneceram no país, as tradicionais atividades associadas a comunidade britânica, festas, bailes e eventos esportivos foram substituídas por ações voltadas a ajudar o esforço de guerra (Mills, 1994).

A situação se desenvolveu de maneira muito similar à da primeira guerra mundial, quando a prática do rugby também cessou (Gutierrez et al, 2017). Ao contrário do conflito anterior, porém, quando, rapidamente as atividades retornaram, a situação em 1945, com o fim da guerra, se mostrou mais complexa. A Inglaterra, fragilizada, não teria mais condições de exercer o domínio econômico sobre a América Latina, com uma participação menor na economia brasileira, o que reordenou o quadro de mão de obra especializada britânica no país (Rippy, 2000).

A economia brasileira também mudaria. Em São Paulo, a estrutura econômica, que se baseava na produção de café e na rede ferroviária, já fragilizada pela crise de 1929, deixaria de existir. O país atravessaria um intenso processo de industrialização e, nos anos 50, abandonaria definitivamente o transporte ferroviário, gerido em grande parte por empresas britânicas, focando no desenvolvimento da indústria automobilística e da rede rodoviária (Furtado, 2020).

O rugby, então, teria uma dificuldade maior de se reorganizar em São Paulo. No Rio de Janeiro o caminho seria mais simples. A comunidade diplomática, principalmente os britânicos, garantiria o rápido retorno da prática na cidade. Com os treinos ocorrendo novamente no Rio Cricket Associação Atlética (RCAA), tradicional clube britânico da cidade, localizado no município de Niterói.

Em São Paulo o caminho seria mais tortuoso, o número de britânicos na cidade diminuiria sensivelmente no pós-guerra. A influência cultural dessa comunidade sobre a elite paulistana também não seria mais a mesma, substituído pela crescente influência estadunidense.

Apesar disso, já em 1945, existem referências a tentativas de retomada dos treinos de rugby, com uma chamada na Folha de S. Paulo, do clube Palestra Itália, atual Palmeiras chamando interessados para os treinos.

Importante destacar que a história do rugby no Brasil, no período analisado é uma história de Rio de Janeiro e São Paulo. A modalidade apenas se expandiria para o resto do país na segunda metade dos anos 90 se difundindo a partir desses centros (Gutierrez, 2016), interessante notar que na região sul, apesar da proximidade geográfica e cultural com Argentina e Uruguai, onde o rugby é bastante popular, não existem registros de prática da modalidade.

A primeira partida oficial do pós-guerra ocorreu somente em 1947, quando o selecionado do Rio de Janeiro bateu o paulista por 8 a 0, jogando no campo do São Paulo Athletic Club (SPAC), clube vinculado a comunidade britânica de São Paulo, em Pirituba. Essa seria a retomada da Taça Belby Alston, um jogo anual entre os selecionados de São Paulo e do Rio de Janeiro, que ocorria desde 1926 e deixando de ser disputada em 1941 devido ao conflito na Europa (Gutierrez, 2016).

Na capital paulista a modalidade só reviveria definitivamente em 1948, com o retorno de Jimmy MacIntyre ao país. Nascido na Escócia, vivia em São Paulo desde 1924, sendo uma figura central do esporte no pré-segunda guerra. Como a maior parte dos britânicos, deixou o país para ajudar no esforço de guerra, porém ao contrário de muitos, optou por retornar a nova casa. MacIntyre seria o idealizador do São Paulo Rugby Football Club (SPRFC), que, iniciaria as atividades em 1948, em um campo alugado pelo próprio MacIntyre.

Em 1949, outra figura chave chegaria ao país. Harry Lancaster Donovan, irlandês e contador vinha trabalhar no Moinho central, rapidamente se envolvendo no rugby local. Nos anos seguintes se tornaria um participante ativo da seleção brasileira, sendo um dos melhores jogadores no país até se aposentar em 1956, aos 39 anos. Longe dos gramados dedicaria seu tempo à organização do rugby brasileiro. Defensor intransigente da nacionalização da modalidade, foi um dos principais

articuladores da introdução do esporte nas escolas e universidades. Sua atuação o levou a ser eleito, em 1964, o primeiro presidente da União de Rugby do Brasil (URB).

Importante destacar que as informações sobre essas duas figuras foram retiradas do Jornal da ABR, que tinha o hábito de publicar, a cada edição, o perfil de atletas, árbitros e dirigentes considerados significativos para a história do rugby no país. As reportagens possuem, em geral, um tom romântico e por vezes grandioso. Assim, as informações contidas não devem ser consideradas na sua totalidade, porém consideramos importante destacar os elementos factuais e a própria presença dessas figuras no rugby brasileiro. Nesse sentido podemos notar que, apesar da presença menor de britânicos na cidade, a modalidade continuava a ser gerida por esse grupo, que aplicava suas próprias concepções e valores a sua organização

A criação do primeiro clube em São Paulo daria uma nova vida para a modalidade na cidade e o segundo no país. O SPRFC realizaria, em 1950, um tour pelo Uruguai, sendo a primeira viagem internacional registrada de uma equipe de rugby brasileira. Os resultados da viagem foram publicados em uma nota no Estado de S. Paulo, sendo a primeira referência a uma equipe local a aparecer nas páginas do jornal no período analisado (Quadro brasileiro, 1950).

Foi assim que no dia nove de setembro de 1950, no campo do Montevideo Cricket Club em Sayago, nos arredores da capital, uma equipe brasileira fez sua primeira partida em solo estrangeiro e os resultados não poderiam ser mais animadores, com duas vitórias, sobre o Montevideo Cricket Club (24 x 0) e o combinado “El Resto” (9 x 6), e no grande jogo contra a seleção Uruguai uma derrota por 8 a 6.

O sucesso da viagem levaria a decisão de enviar, em 1951, um combinado dos dois clubes existentes no país para disputar o 1º Sul-americano de Rugby XV Union, ocorrido em Buenos Aires, como parte dos Primeiros Jogos Panamericanos. Na competição internacional a precariedade do rugby nacional ficou evidente com três derrotas: 68 a 0 diante do Chile, 72 a 0 para a Argentina e 17 a 10 diante do Uruguai. A Argentina venceria o torneio com facilidade, demonstrando a sua superioridade técnica no continente, que se mantém até os dias de hoje (Reggiani & Champenois, 2021)

O rugby brasileiro passaria a década de 50 sem grandes transformações, a modalidade continuaria a ser quase na sua totalidade praticada por estrangeiros, com dois clubes ativos no país, o RCAA no Rio de Janeiro e o SPRFC em São Paulo. O calendário nacional seria dominado pela já tradicional Taça Belby Alston. A temporada seria complementada com viagens e visitas internacionais, principalmente do Montevideo Cricket Club que viria ao país algumas vezes, com os

brasileiros visitando o Uruguai em outras ocasiões. Em 1957 a seleção chilena faria uma gira pelo país disputando uma partida no Rio de Janeiro e três em São Paulo (Combinado, 1957).

Os anos 60 representariam uma década de mudanças e caos político no país, que se industrializava e urbanizava rapidamente, o que acabaria por afetar o rugby. A década começou com a inauguração da nova capital, Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960. O Rio de Janeiro deixava de ser a capital federal depois de quase 200 anos. A mudança teria um impacto profundo na cultura, economia e posição da cidade no país (Silva, 2004).

A mudança levaria ao fim, mesmo que por um breve período, do rugby na cidade. A modalidade estava quase que inteiramente vinculada a vibrante comunidade diplomática da capital federal, principalmente os britânicos. Sem esse grupo não haveria mais condições para a prática do rugby. A situação fez com que a Taça Belby Alston deixasse de ser disputada entre 1963 e 1969. A modalidade só retornaria ao Rio de Janeiro nos anos 70, com um perfil bem diferente de praticantes, diverso e nacionalizado.

A situação em São Paulo era oposta, a cidade se consolidava como a grande metrópole brasileira e principal centro industrial, passando de 200 000 habitantes em 1900 para quase 4 milhões em 1960, atraindo pessoas do mundo inteiro. O primeiro grande acontecimento do rugby seria o fim do SPRFC e a reativação do departamento de rugby no SPAC. O tradicional clube britânico da cidade foi instrumental na introdução do rugby, e também do futebol, no país, porém nunca havia tido uma equipe própria, mesmo que a quase totalidade dos jogadores fossem membros do clube.

A análise da ata da reunião de fundação do clube, de 1960, disponível no acervo Ludens, mostra a permanência, pelo menos dentro do SPAC, da visão tradicional do pré-guerra. Escrita toda em inglês, podemos ver a centralidade das atividades sociais dentro do projeto de rugby. A realização de rifas, festas, jantares, entre outros, encontra uma importância maior do que o esporte propriamente dito. Elementos como melhora técnica e a ampliação da base de jogadores são discutidos muito marginalmente, mantendo o conceito dos anos 30, de centralidade do clube e a prática do esporte como um complemento da vida social (Antonio, 2017).

Com a transformação de São Paulo em uma cidade internacionalizada, não apenas ingleses praticavam a modalidade, com uma quantidade significativa de atletas argentinos, franceses, japoneses e também um pequeno, mas relevante, número de brasileiros. O vínculo com o SPAC, apresentava um problema para muitos atletas, que não eram membros do clube ou não tinham desejo de se envolver com uma agremiação vinculada à Inglaterra. Assim, paralelamente, ao retorno do rugby ao SPAC, foi criada o Aliança Rugby Football Club. No ano seguinte, 1961, a cidade

ganharia mais um clube, o São Paulo Rugby Football Club (que não estava vinculado ao antigo SPRFC), que vinha representar a comunidade japonesa, tendo como presidente Tadashi Takenaka.

O ano de 1961 também marcou o retorno da seleção às competições sul-americanas. O país não enviara uma equipe para a segunda edição do Sul-americano, disputada no Chile, em 1958. Os organizadores do rugby nacional, porém, optaram em jogar a terceira edição, disputada no mês de outubro, no Campo do Carrasco Polo Club, em Montevideo. Mais uma vez a inferioridade técnica ficou explícita, com a equipe perdendo os três jogos que fez, para Argentina por 66 a 0, para o Chile por 34 a 5, e para o Uruguai por 11 a 8.

O maior número de clubes e o desejo de expandir o número de praticantes, fez os participantes perceberem a necessidade de institucionalizar a modalidade. Sendo a criação de uma entidade de caráter nacional, capaz de organizar as principais competições, formar as seleções e negociar diretamente com o governo um passo essencial. Assim, em 1963, foi fundada a União de Rugby do Brasil (URB), com Harry Donovan como primeiro presidente, conforme já mencionado. A criação da URB é resultado do pequeno crescimento do rugby na cidade de São Paulo e das transformações dessa prática, principalmente da entrada de um grupo mais diversos de participantes, que demandava soluções institucionais para os conflitos que surgiam.

A URB seria a ruptura definitiva com o período pré-guerra, quando o rugby esteve vinculado em sua quase totalidade à comunidade britânica, pouco preocupada com a expansão no número de praticantes e desenvolvimento técnico, uma mentalidade ligada aos valores amadores, dominantes no esporte britânico, principalmente o rugby, na primeira metade do século XX (Collins, 2009).

A chegada de novos participantes também traria grandes desafios. O esporte não estaria mais restrito à pequena comunidade britânica do Brasil. Consequentemente, a organização e a prática da modalidade não poderiam mais ser feita a partir dos valores britânicos, já que agregava sujeitos vindos de diferentes partes do mundo e com valores diversos. se tornando uma atividade constantemente negociada entre sujeitos diversos com histórias de vida e valores muitas vezes opostos.

Um dos focos da URB era a nacionalização da modalidade. Apesar do pequeno crescimento e de alguns bons resultados internacionais o rugby continuava a ser praticado quase que exclusivamente por estrangeiros. O fim do rugby no Rio de Janeiro alertava para a fragilidade da modalidade no país e a necessidade de trazer mais brasileiros para o esporte, principalmente crianças.

A URB existiria como entidade de 1963 até 1972, substituída pela Associação Brasileira de Rugby. Apesar do curto tempo de vida, a entidade máxima do esporte no Brasil contribuiu em muitos aspectos para o crescimento da modalidade, criando as raízes do que seria o Campeonato Brasileiro de Rugby, colocando pela primeira vez as crianças em contato com o esporte e levando a modalidade para as universidades.

A criação da URB permitiria a realização, em 1964, do que pode ser considerado 1º Campeonato Brasileiro de Rugby, com o nome de Torneio Aberto de Rugby, na época um triangular envolvendo SPAC (que se tornou campeão), Aliança e SPRFC (acervo Ludens).

Para celebrar a criação da URB, o Brasil se voluntariou para receber o IV Sul-Americano de rugby de 1964. A competição se destaca pela cobertura significativa da imprensa da época, com o estado de S. Paulo publicando 12 reportagens, celebrando o excelente vice-campeonato do Brasil em uma reportagem de meia página acompanhada por fotos (O Brasil, 1964). A Folha de S. Paulo mostraria menos interesse publicando 7 artigos, mas também daria destaque para o vice-campeonato. A maior cobertura da imprensa é um fato significativo dentro do processo de institucionalização e nacionalização da modalidade. Ela trazia mais legitimidade para a recém-nascida URB sendo importante para negociar com entidades governamentais e patrocinadores, além de apresentar a modalidade, desconhecida da maior parte dos brasileiros para um público mais amplo.

O aumento do número de atletas, principalmente brasileiros, será um dos objetivos centrais da URB, com isso a entidade centralizaria forças no crescimento do rugby juvenil e infantil. Os primeiros passos, nesse sentido, foram dados com a introdução da modalidade nos colégios paulistas. As instituições que se dispuseram a tentar tal experiência foram o Liceu Pasteur, vinculado a colônia francesa em São Paulo e a St. Paul's, escola tradicional da comunidade britânica. O SPAC também daria os primeiros passos, sendo o primeiro clube na história do Brasil a montar uma categoria de base.

O sucesso do rugby nos colégios, e a dedicação dos membros da URB contribuíram para a expansão da modalidade, sendo que em 1971 o esporte estava também no colégio São Bento e na Escola Técnica Federal, além do recém-nascido Brooklin Rugby Club, exclusivo para a categoria.

Essa expansão é significativa e mostra o resultado do esforço dos membros da URB para nacionalizar a modalidade. Liceu Pasteur e St. Paul's eram escolas bilingues focadas na educação de crianças estrangeiras, cujos pais trabalhavam no Brasil. O Colégio São Bento e a Escola Técnica Federal eram instituições voltadas para a elite paulistana, sem vínculo com o exterior. Assim, pela primeira vez, o rugby adentrava um ambiente totalmente brasileiro.

Paralelamente aos colégios, o rugby entraria também nas universidades, onde encontraria grande adesão, sendo até hoje um dos principais formadores de jogadores. Em 1966, Leon William Rhiems, já discutido neste artigo, junto com outros alunos de ascendência britânica, teria sucesso em introduzir o rugby na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Concomitantemente, alguns atletas vinculados ao Aliança Rugby introduziriam a modalidade na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A Faculdade de Medicina da USP e a Universidade Presbiteriana Mackenzie eram duas das mais prestigiadas instituições de ensino de São Paulo, formando uma boa parte da elite da cidade. Ambas as universidades possuíam uma forte cultura esportiva, e desde 1935, disputavam a MAC-MED, uma competição esportiva onde as duas universidades se enfrentavam em diversas modalidades (Hatzidakis, 2006). Em uma época com menos opções de lazer e uma cobertura esportiva mais limitada, a competição mobilizava parte da cidade, com a imprensa acompanhando as partidas e divulgando os resultados. Com times de rugby ativos nas duas universidades, a modalidade foi disputada pela primeira vez em 1966, como demonstração, se tornando parte oficial da competição em 1969.

O sucesso dos confrontos entre Mackenzie e Medicina logo levou outras faculdades paulistas a aderirem ao rugby. A Fundação Getúlio Vargas (FGV) iniciaria os treinos em 1968 assim como uma breve experiência na Faculdade de Direito da USP (São Francisco), que seria retomada posteriormente. Em 1971, foi a vez da Escola Politécnica da USP (Poli), aderir à bola oval. Assim, nesse mesmo ano, foi criado o Campeonato Universitário Paulista, com Medicina, Mackenzie, Poli e FGV. A expansão continuaria e no ano seguinte a Faculdade de Educação Física de Santo André também montou sua equipe, ingressando no estadual da categoria.

Nos anos 70 a modalidade voltaria a ser praticada fora de São Paulo. Em 1970, o time do Rio Cricket seria reativado, possibilitando assim o retorno dos jogos entre as seleções estaduais e a retomada da Taça Beilby Alston.

A URB deixaria de participar dos Campeonatos Sul Americanos de 1967 e 1969, preferindo organizar duas excursões da recém-formada Seleção Brasileira Juvenil, para a Argentina, em 1965, e ao Uruguai, em 1969. O time adulto retornaria às competições internacionais em 1971, na edição realizada em Montevidéu, que marcou a entrada do Paraguai, a quinta equipe do certame.

De acordo com as anotações pessoais de Leon William Rheims, “o mérito maior da União de Rugby do Brasil foi ter se esforçado no sentido de nacionalizar o jogo de rugby, em 1963 as quatro equipes existentes possuíam 95% de jogadores estrangeiros; em 1972, eram 14 equipes com 70% de brasileiros em suas fileiras”.

O pequeno, mas considerável, crescimento do rugby no país nos anos 70, e o retorno do Brasil às competições internacionais, criaram novas demandas da comunidade de praticantes. A necessidade de maiores recursos financeiros e espaços para sua prática levaram à mobilização dos clubes para o reconhecimento do rugby pelo Conselho Nacional de Desportos (CND).

Criado em 1941 durante o Estado Novo, ditadura de orientação fascista comandada por Getúlio Vargas, o CND era a entidade máxima do esporte brasileiro. Responsável por gerir todos os aspectos do esporte no Brasil, distribuindo verbas estatais, incentivos, lidando com questões burocráticas e auxiliando na representação em entidades internacionais (Silva, 2009).

A URB não era reconhecida pela entidade, sendo uma associação informal, o que privava a modalidade uma série de incentivos estatais. No processo de inclusão se fez necessária a mudança do nome da URB, de forma a se adequar as regras do CND. Assim, no dia 20 de dezembro, a Associação Brasileira de Rugby (ABR) foi oficialmente criada. Tendo com membros São Paulo Athletic Club (SPAC), Nippon Country Club, Guarapiranga Golf & Country Club e Rio Cricket e Associação Atlética. Interessante notar a escolha dos membros fundadores, sendo todos clubes tradicionais das suas cidades. SPAC e Rio Cricket eram clubes britânicos de São Paulo e Rio de Janeiro respectivamente, o Nippon era o clube da afluente colônia japonesa em São Paulo e que rapidamente se tornava uma referência no rugby. Não existe registro de uma equipe de fato no Guarapiranga Golf & Country Club, e podemos inferir que foi apenas incluído na ata para fortalecer a posição da entidade perante o CND.

Seguindo a história da fundação da URB, a ABR promoveu em 1973 a realização em São Paulo, novamente no SPAC, do VII Campeonato Sul Americano de Rugby, com o Brasil terminando em quarto lugar, na frente do Paraguai. Já em 1978, a entidade organizou, também no SPAC, o IV Campeonato Sul Americano Juvenil de Rugby, no qual o Brasil acabou em quinto lugar. A instabilidade financeira da entidade não permitiu a continuidade da participação no Sul-Americano, com a equipe adulta voltando a ficar de fora da competição em 1983 (após perder para o Paraguai em 1981) e a juvenil se ausentando a partir de 1984, por falta de recursos.

Por outro lado, o Brasil seguiu recebendo clubes e selecionados estrangeiros para amistosos. Da França, vieram o Paris Université Club (1976) e o Stade Langonnais (1975); da Inglaterra, o Richmond Football Club (1986); da Escócia o Edinburgh University Rugby Football Club (1986); e da Argentina, o Lomas Athletic Club (1976) e o Lince Rugby Club (1985). Contudo, as maiores promoções foram as vindas da seleção da França, em 1974 (em jogo oficial vencido pelos Bleus por 99 x 7), e a excursão em 1984 do Penguin Rugby Football Club, um combinado de atletas de Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, análogo aos British and Irish Lions.

A cidade de São Paulo, uma das mais populosas do mundo, recebeu imigrantes de todas as partes do globo na primeira metade do século XX, principalmente italianos, japoneses, libaneses, armênios. Buscando homenagear a contribuição desses grupos para a construção da cidade a prefeitura organizou em 1976 a I Olimpíadas dos Imigrantes (Homenagem, 1976).

O evento teria mais de 30 países representados, com uma cerimônia de abertura no estádio do Pacaembu, no estilo dos jogos Olímpicos, além exposições e outros eventos culturais. O Rugby seria representado nas três edições do evento (1976, 1977 e 1978). Na primeira edição participaram equipes de Grã-Bretanha (campeã), Argentina, Portugal, Japão, Estados Unidos e França. As equipes que participaram do rugby no evento mostram a dispersão da modalidade entre as diferentes comunidades migrantes vivendo na cidade, e confirmando a centralidade de britânicos, franceses e japoneses na organização da modalidade.

No Rio de Janeiro, a prática do rugby retornaria em 1969, com o retorno da modalidade ao RCAA, em Niterói. O perfil dos praticantes, porém, era bastante diferente e a modalidade não estaria mais vinculada diretamente com a comunidade britânica, que diminuiu bastante com a transferência da capital federal para Brasília. As diferenças culturais levaram ao rompimento, em 1974, de parte dos atletas, que fundaram o Niterói Rugby Football Club. Ambas as equipes coexistiram por um breve período, a modalidade deixaria o clube definitivamente em 1976, quando um grupo de sócios fundou o Rio Rugby Football Club, que seria sediado no município do Rio de Janeiro. No ano seguinte, a fundação do Clube de Rugby da Guanabara, de forte presença francesa, configurou um momento de expansão do rugby fluminense, que passou a ter em 1977 seu primeiro campeonato estadual, o primeiro fora de São Paulo. O rugby agora era praticado em dois estados e diante disso a ABR decidiu dividir o Torneio Aberto de Rugby em dois torneios: o Torneio Aberto Brasileiro e o Torneio Aberto Paulista. A modalidade continuaria a se expandir nos anos 1980. Segundo dados da própria ABR, disponíveis no acervo Ludens em 1982 o número de times adulto chegou a vinte, com onze equipes juvenis disputando partidas.

Os sucessos da modalidade marcam o seu amadurecimento institucional passando de uma pequena associação informal, que contava apenas com três equipes adultas, em 1964, para uma associação com dezenas de participantes, equipes juvenis e presença nos colégios. A mudança de nomenclatura de UBR para ABR é o principal momento desse processo. Reconhecida pelo CND deixava de ser uma modalidade alienígena praticada por um pequeno grupo de estrangeiros se inserindo dentro da estrutura esportiva brasileira, se tornando uma prática local e permanente.

A presença nos colégios, principalmente aqueles sem vínculo com comunidades estrangeiras, eram o ponto chave no processo de nacionalização da modalidade. A nova geração de

jogadores seria brasileira, praticando a modalidade desde a infância e diminuindo a dependência dos estrangeiros adultos que chegavam ao país.

O crescimento do rugby no Rio de Janeiro e São Paulo levou também a sua expansão para outras regiões. Em 1981 foi fundado o Curitiba Rugby Clube, sediado em Curitiba, Paraná. Em 1982 a equipe seria incorporada pelo Colorado Esporte Clube, conhecido mais amplamente pelo time de futebol, que teve bons resultados nos anos 80. Quase cem anos após a primeira partida de rugby do Brasil, realizada em São Paulo em 1881 (Gutierrez et al., 2017), o rugby deixava as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo e iniciava a sua expansão para outros estados. Importante destacar que antes desse período existem registros de outras equipes ou treinos realizados fora dessas cidades, essas iniciativas, porém foram de curta duração e não sobrevivem registros de partidas ou campeonatos realizados por essas equipes.

A ABR teria sucesso em construir uma estrutura profissional e se legitimar perante os diferentes sujeitos dentro do esporte nacional. A introdução do rugby nas escolas e a formação de equipes juvenis ampliaria a base de jogadores, garantindo o futuro da modalidade. Essas iniciativas, porém, estavam restritas as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, nesse sentido o processo de institucionalização e nacionalização da base de praticantes não era pensado em âmbito nacional.

A prática do rugby em Curitiba é significativa, sendo a a primeira vez que a modalidade deixa suas duas cidades de origem, mas seria uma iniciativa isolada. A expansão do rugby pelo território nacional não era parte da agenda da ABR que preferia concentrar os limitados recursos no fortalecimento da prática na cidade de São Paulo. O rugby apenas se expandiria para outras cidades a partir da segunda metade da década de 1990, de maneira orgânica e influenciado por transformações econômicas e sociais do país (Gutierrez, 2016).

Outro fenômeno importante do período foi a aproximação entre o rugby e os grandes clubes de futebol. Em 1980, a equipe do Guarapiranga foi incorporada pela Sociedade Esportiva Palmeiras, utilizando como sede o clube de campo do Palmeiras no bairro da Guarapiranga. Incentivado pelo sucesso do rugby no rival, o São Paulo Futebol Clube inaugurou sua seção de rugby em 1983.

O processo de expansão do rugby em instituições de ensino e sua nacionalização com crescente número de atletas sem vínculos diretos com comunidades de estrangeiros, teve como um de seus marcos a criação do clube Joerg Bruder, em 1983, rebatizado depois como Bandeirantes Rugby Clube, com a proposta de se tornar um clube “genuinamente brasileiro”.

A expansão da base de jogadores, a entrada nos clubes de futebol e o bom trabalho da ABR resultaram em um aumento significativo da cobertura midiática, com alguns poucos jogos sendo transmitidos pela televisão no período. No período anterior havia pouco interesse por parte da mídia

nos eventos do rugby nacional, restrita a algumas notícias internacional e uns poucos eventos nacionais, permeados sempre por um tom de estranheza e exotismo, descrevendo uma prática distante da realidade brasileira.

No período entre 1975 e 1986 os jornais analisados, O Estado de São Paulo e a Folha de S. Paulo, publicavam regularmente conteúdo sobre rugby. Acompanhando as principais competições nacionais adultas e juvenis, a seleção brasileira e discutindo com interesse as visitas de clubes internacionais.

O crescimento do rugby, o aumento no número de jogadores e a maior cobertura da imprensa deram origem a uma onda de otimismo dentro da ABR. A associação então começou a desenvolver projetos mais ambiciosos como a compra de uma sede e a construção de um campo público de rugby, entre outras.

Esses projetos, porém, tiveram vida curta. O único implementado foi a publicação do já mencionado periódico imprenso dedicado ao rugby, com edições semestrais entre 1982 e 1985. O jornal era produzido com cuidado, trazendo reportagens históricas, entrevistas, algum noticiário internacional, e os placares do rugby nacional do período. Analisando o conteúdo é possível notar que é uma publicação dirigida para pessoas com familiaridade com a modalidade e sem o objetivo de atrair novos praticantes. Não existem dados sobre a tiragem, mas é pouco provável que fosse muito grande, sendo provavelmente vendida para um pequeno grupo de jogadores e dirigentes.

A publicação do Jornal da ABR mostra o aprofundamento das transformações do rugby brasileiro, em um período sem internet, e com cobertura limitada nos jornais, televisão e rádio possuir uma publicação própria era um passo importante para se legitimar perante os diferentes sujeitos e atrair mais atenção.

O sucesso da ABR também foi a fonte de maior parte dos conflitos institucionais. Apesar de possuir uma quantidade razoável de recursos e gerir competições adultas e juvenis, o rugby continuava a ser mantido por uma pequena quantidade de praticantes, um grupo pequeno e envelhecido de estrangeiros e uma grande quantidade de jovens atletas que recentemente haviam sido apresentados a modalidade. Apesar da aparência e da imagem vendida na imprensa, a estrutura ainda era precária, com poucas exceções o país não possuía clubes de fato, sendo a maior dos times agremiações informais que treinavam em parques ou campos alugados. Havia também uma falta de profissionais preparados e atletas experientes.

A gestão das equipes juvenis e universitárias era uma das principais fontes de conflito. Ela demandava profissionais qualificados e comprometidos, o que a pequena quantidade de praticantes não estava preparada para suprir. A falta de cuidado com o preparo técnico dos jovens e a alta

incidência de lesões acabou por levar a uma diminuição drástica no número de colégios no final dos anos 80.

A expansão no número de clubes, principalmente vinculados ao futebol, e a maior cobertura da mídia, trouxe mais visibilidade para a modalidade. Dificuldades na gestão financeira e comportamentos inadequados por parte de alguns atletas acabaram por prejudicar a imagem da modalidade, que eventualmente foi desligado do Palmeiras e do São Paulo Futebol Clube.

Relatos informais de atletas estrangeiros, que atuaram no país nos anos 90, apontam que enquanto o esporte se modernizava e profissionalizava no mundo, o rugby brasileiro mantinha comportamentos e estilos de jogo que já haviam desaparecido no exterior desde o início dos anos 80.

Paralelamente as questões internas do rugby, o país atravessava uma grande crise. Os anos 80 ficaram conhecidos posteriormente como a “década perdida”, marcada pela inflação que subiria consistentemente durante o período atingindo o ápice de 4.000% em 1991. Os recursos se tornaram escassos e a execução até mesmo das tarefas mais simples se tornava complexa devido a inflação. Aliado a isso, o fluxo de estrangeiros atraídos pela expansão econômica diminuía, privando o rugby brasileiro de atletas experientes, que traziam do exterior o conhecimento sobre novos modelos de treinamento e gestão.

Os diversos conflitos refletiriam na gestão da ABR, culminando com a renúncia de Leon William Rheims, em 1986, e a eleição de Luiz Eduardo de Magalhães Gouvêa Filho para o cargo de presidente. Os conflitos internos são uma consequência do processo de institucionalização da modalidade. Em 1964 quando foi fundada a URB o rugby era praticado apenas por um punhado de estrangeiros e os conflitos podiam ser resolvidos de forma informal. A ABR se tornaria uma instituição muito mais complexa, gerindo recursos estatais e de patrocinadores, administrando competições adultas e juvenis em três estados diferentes. Novos grupos também surgiram, com o rugby atraindo um perfil mais diversos de praticantes com ideias próprias e que buscavam impor sua agenda dentro da instituição.

A saída de Rheims seria um momento chave da história do rugby brasileiro, pois seria o último dos ingleses a ocupar uma posição de liderança dentro do rugby brasileiro. O rugby no Brasil esteve durante a maior parte vinculado aos estrangeiros, a pequena comunidade britânica vivendo na cidade no pós-segunda guerra reviveria a modalidade, além desse grupo japoneses, argentinos, franceses entre outros acabariam sendo atraídos para o rugby. Desse grupo surgiu o desejo de expandir a modalidade e trazer mais brasileiros para o esporte, o que levou a criação primeiro da UBR e depois da ABR. Esse grupo teria sucesso em institucionalizar e nacionalizar a

modalidade, garantindo a sua inserção definitiva no país, mas por outro lado estariam pouco preparados para gerir uma instituição mais complexa e diversa. Sendo os conflitos ocorridos na segunda metade dos anos 1980 um resultado desse crescimento.

A partir de 1986 os estrangeiros perderiam importância, suplantados pela liderança de brasileiros, que tiveram contato com a modalidade a partir das iniciativas da UBR e ABR trazendo uma série de novas ideias e conflitos para a modalidade.

Considerações finais

O artigo discutiu a organização do rugby no Brasil no período entre 1945 e 1986, focando na institucionalização da modalidade e o seu processo de nacionalização. Nesse período o rugby passou de uma modalidade praticada quase que na sua totalidade por estrangeiros, para ser praticada e gerida por brasileiro. Nesse sentido o estudo foi desenhado como uma análise exploratória baseada em análise documental, a partir do material disponível no acervo do Ludens-USP e nas publicações nos jornais O Estado de S.Paulo e a Folha de S.Paulo.

A pequena comunidade britânica vivendo nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro no pós-segunda guerra, foi a responsável pela retomada do rugby, que seria praticada também por franceses, argentino e japoneses. Nos anos 60, o ainda restrito grupo de praticantes, se dedicou a expandir a prática e trazer mais brasileiros para a modalidade. A institucionalização da modalidade seria uma etapa importante nesse processo, legitimando-a dentro da burocracia brasileira e abrindo mais opções de financiamento.

A URB, fundada em 1963, seria a primeira entidade representativa da modalidade no país, mas que ainda não possuía legitimidade, estando desvinculada da estrutura esportiva nacional. Isso seria resolvido em 1971 com a criação da ABR e a vinculação da entidade ao CND, oficializando a prática do rugby no país e abrindo um novo leque de possibilidades para a modalidade.

URB e ABR teriam sucesso em introduzir o rugby nas escolas e universidades, formando uma nova geração de jogadores nascidos no Brasil e sem vínculo com as comunidades migrantes da cidade. Apesar de não ter tido sucesso em popularizar a modalidade, que continuou restrita a um pequeno grupo de participantes, a nova geração de jogadores garantiu a sobrevivência da modalidade e a sua continuidade no país.

Referências

- Antonio, V. S. R. (2017). *Passe para trás! Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933)* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Araújo, L. G. (2022). *Rugby e COI: as disputas acerca do amadorismo (1900-1936)* (Tese de Doutorado, Universidade de Campinas).
- Brown, M., & Lanci, G. (2016). Football and urban expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920. *Sport in History*, 36(2), 162-189.
- Collins, T. (2009). *A social history of English rugby union*. Londre: Routledge
- Combinado chileno em São Paulo. (1957). O Estado de S. Paulo, 15/09/1957, pag. 34
- Furtado, C. (2020). *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Gomes, A.M.C. (1998). Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. 11 (21), p. 7–24,.
- Gutierrez, D. M., Antonio, V. S. R., Kater, T., & Almeida, M. A. B. D. (2017). Um estudo sobre a introdução e institucionalização do rugby no Brasil. *Journal of Physical Education*, 28, e2841.
- Gutierrez, D. M. (2016). *O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil* (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo).
- Gutierrez, D. M., & Almeida, M. A. B. D. (2014). A identidade cultural no desenvolvimento da prática do rugby no Brasil: Uma análise preliminar. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, 18(190), on-line.
- Gutierrez, D. M., Bettine, M., & García, B. (2021). The railway and the ball, the spread of football in São Paulo State. *Sport in History*, 41(3), 309-332.
- Gutierrez, D., Leonardi, T., Mazzo, J., & Paes, R. (2022). A crise do basquetebol brasileiro (1989-2008): uma análise do discurso de presidentes da confederação e treinadores da seleção nacional. *Motricidade*, 18(4), 501-510.
- Hatzidakis, G. (2006). *Esporte universitário*. Atlas do Esporte no Brasil. CONFEF, Rio de Janeiro/RJ, 1019-1021.
- Imigrantes disputam Olimpíadas em homenagem a pátria. (1976). *Folha de S. Paulo* 09/02/76, pag-9
- Melo, V.A., Fortes, R., Drummond, M., Santos, J.M.M. (2013). *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Melo, V.A. (2008). *História Comparada do Esporte*. São Paulo: Editora Shape.

Mills, J. R. (1994). 1894-1994 *Centenário Charles William Miller*. São Paulo: Price Waterhouse.

O Brasil foi vice em Rugby; Argentina em 1°. (1964). *O Estado de S. Paulo*, 23\08\1964, pg 33.

Osborne, C. A., & Skillen, F. (2015). Women in Sport. *Women's History Review*, 24(5), 655-661.

Quadro brasileiro vencido no Uruguai. (1950). *O Estado de S. Paulo*. 12/09/1950, pag-9.

Reggiani, A. H., & Champenois, G. (2021). Le rugby argentin face au péronisme. 20 & 21. *Revue d'histoire*, 149(1), 35-46.

Rippy, J. F. (2000). *British Investments in Latin America, 1822-1949* (Vol. 1). Londres: Psychology Press.

Silva, R. D. (2004). *Rio de Janeiro: crescimento, transformações e sua importância para a economia nacional (1930-2000)* (Tese de Doutorado, Universidade de Campinas).

Silva, D. A. S. (2008). Evolução histórica da legislação esportiva brasileira: do Estado Novo ao século XXI. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, 3(3), 69-78.

Sant'Anna, R. T., & Mazo, J. Z. (2015). Charrua Rugby Clube: memórias do primeiro clube do rugby Gaúcho. *Kinesis*. Santa Maria. Vol. 33, n. 2 (jul./dez. 2015), p. 23-40.

Santos Pinheiro, E., Migliano, M., Bergmann, G. G., & Gaya, (2013). O desenvolvimento do rugby brasileiro: panorama de 2009 a 2012. *Revista Mineira de Educação Física*. N.9 (edição especial), p 990-995